Sangue Converso no Brasil Colônia, I

Francisco Antonio Doria

Quem tem sangue dos primeiros colonizadores de Pernambuco, terá forçosamente sangue de conversos. Pois talvez o marranismo da elite açucareira pernambucana comece com o próprio Jerônimo de Albuquerque, dito, *o Adão Pernambucano*.

Seu bisavô o desembargador Dr. Lopo Gonçalves poderia provir de uma família de judeus convertidos, como era comum entre letrados e físicos da corte (médicos), caso dos Lucenas, físicos e canonistas, nos fins do século XV e começos do XVI.[1] De qualquer modo, neste primeiro ensaio, esboço a história de duas grandes famílias pernambucanas fartamente irrigadas com sangue cristão–novo, os Holandas e os Paes Barretos.

Holandas

Há uma lenda confusa e inverificável cercando o ancestral primeiro dos Holandas em Pernambuco, Arnal de Holanda, casado com Brites Mendes a velha. Seria Arnal de Holanda, segundo o linhagista do século XVIII, Borges da Fonseca, filho de um certo Hendrick van Rhijnburg (Rheinburg, na forma alemã), barão batavo ou alemão, casado com Margrete Florenz, irmã do papa Adriano VI, Adriaan Florenz–Dedel. Só que, para começar, o tal barão não se consegue documentar, e o papa Adriano VI, que reinou um ano e tanto, de 1521 a 1523, não teve irmãs, só dois irmãos.

[1] Alão de Moraes, *Pedatura Lusitana*, II, p. 140, diz dos Lucenas que na origem eram três irmãos que vieram de Castela, "amarranados." Evidência para o judaísmo de Lopo Gonçalves estaria no seguinte documento, comunicado por F. Gerin:

> *Chancelaria de D. Afonso V, liv. 31, fl. 18 "D. Afonso V confirma escambo ao Dr. Lopo Gonçalves, desembargador régio, e a seu pedido, de umas casas na rua Nova da Judiaria Grande da cidade de Lisboa, feito a Mécia da Costa, sua mulher, herdeiros e sucessores."*

Nos documentos quinhentistas em que comparece, e em especial perante os inquisidores, Arnal de Holanda nada fala sobre seus pais, silêncio incompreensível se de fato sobrinho do papa e filho de barão (pois Filippo Cavalcanti, por exemplo, desfila toda a sua prosápia e até assinala, indiretamente, sua parentela aos Médicis grãos–duques da Toscana). A mulher de Arnal era notoriamente judaizante, Brites Mendes a velha, conforme testemunhos no pedido de familiarato do Santo Ofício de José Gomes de Mello, que dela descendia — e noutro processo, de fins do século XVI, Brites Mendes declara–se comadre de Branca Dias. O processo de José Gomes de Mello, trineto e tetraneto de Brites Mendes, data de fins do século XVII (uma das primeiras datas é 1699), e nele se diz que o pai e a mãe "da dita Brites Mendes foram castigados pelo Santo Ofício, por judaísmo, e que se diz fora a dita sua mãe, queimada."[2]

Pois alem do mais havia em Portugal, na virada do século XV para o século XVI, uma família de Holandas, muito rica, de comerciantes abastados e muito viajados. Que eram judeus.

Em 15 de julho de 1561, Diogo de Holanda, "o Salomão," se apresenta à inquisição. É dado como filho de dois judaizantes, Jacob de Holanda e Leonor Mendes (citada nos nobiliários como Cosma, e apelidada *a Dona Rica*). Nascera Diogo de Holanda, o Salomão, em 1535.

Em 5 de setembro de 1561, Francisco Jácome, irmão de Diogo, recebe armas (dever–se–ia dizer, recebe–as surpreendentemente?). Sem que se diga o motivo, nessas armas o primeiro partido reproduz o quartel principal das armas do há muito falecido papa Adriano VI. No texto da carta d'armas não consta sua filiação.

Nesse meio tempo entram em cena parentes afins dos Holandas portugueses, os Lins ou Linz von Dorndorf, fidalgos alemães, cristãos, banqueiros de Ulm, riquíssimos e prepostos em Portugal dos Fugger, de Augsburg. Em 1564, Maximiliano II, majestade cesárea, envia carta a D. Sebastião, pedindo–lhe que atenda aos pleitos de seu vassalo Sebald Linz. Sebald Linz é genro de Francisco Jácome, supra, e portanto sobrinho afim do judaizante Diogo de Holanda. E o filho de Sebald Linz, neto de Francisco Jácome, chamado Bartolomeu Jácome Linz, casa–se com Joana de Gois e Vasconcelos, filha de Arnal de Holanda e de Brites Mendes.

Dois dados são relevantes aqui. Diogo "Salomão", tio de Jácoma Men-

[2]Um resumo do processo e sua cota nos IANTT se acha no livro de Zilda Fonseca, *Desbravadores da Capitania de Pernambuco*, UFPE, 2003, p. 66 e ss.

des, mulher de Sebald Linz, apresenta–se espontaneamente à inquisição e é dispensado. Sebald Linz é personagem com influência suficiente para obter da majestade cesárea uma carta em seu favor, em que é dado como 'vassalo' do imperador. São com certeza comerciantes ricos e influentes, esses Holandas e Lins. Mais uma coisa: Bartolomeu Jácome Lins vive em Lisboa. Por que vai ao Brasil buscar uma mulher para se casar, se não fora devido a parentesco e às práticas endogâmicas dessa gente?

Pode–se pensar que Arnal de Holanda era também filho de Jacob de Holanda, dito Jácome de Holanda. Judaizante, casado com Brites Mendes, que, suporíamos, era irmã ou sobrinha de Cosma Mendes, ou Leonor Mendes, a Dona Rica. Vieram para o Brasil para fugir à inquisição, que devia pesteá–los constantemente. Os que ficam em Portugal devem ter negociado — e pago bem — a carta de brasão de 1561, que lhes limpa o sangue e apaga o passado judeu.

Famílias que descendem dos Holandas

Toda a elite açucareira de Pernambuco descende dos Holandas. Seu ramo principal será historiado em seguida, mas podemos listar aqui algumas das famílias que deles provêm, citando os filhos de Arnal de Holanda e de Brites Mendes em que se entroncam:

- *Lins.* Família burguesa, nobilitada no século XV, e originária de Augsburg; ricos banqueiros, agentes dos Fugger. O ramo mais numeroso em Pernambuco descende de Christoph Linz, casado com Adriana de Holanda.

- *Gomes de Mello.* São a chamada "casa do Trapiche de Santo Agostinho." Descendem do casamento de João Gomes de Mello com Ana de Holanda.

- *Barros Pimentel.* Família da pequena nobreza de Viana, com ascendentes longínquos na realeza; fixados em Porto Calvo e em Sta. Maria Madalena (Alagoas). Descendem de Maria de Holanda, casada com o tronco destes, Antonio de Barros Pimentel.

- *Accioli.* Descendem do casamento de seu tronco no Brasil, Gaspar Achioli de Vasconcellos, com Ana Cavalcanti, neta de Ana de Holanda. Fixam–se, no século XVIII, em Pernambuco, na Paraíba, e em Alagoas.

- *Wanderley.* Descendem do alemão Caspar von Neuenhof gennant Ley, ou von der Leyen, que se documenta no Brasil entre 1634 e 1645. Gaspar Wanderley, como aparece nas genealogias, teve filhos com D. Maria de Mello, dos Gomes de Mello, de modo que toda a sua descendência tem o sangue dos Holandas.

Essas famílias constituem o núcleo da elite açucareira de Pernambuco e Alagoas. Ramos específicos dos Cavalcantis com sangue dos Holandas são descritos a seguir.

Holanda Cavalcanti de Albuquerque

Este ramo descende de Cristóvão de Holanda de Vasconcellos, filho de Arnal de Holanda e de Brites Mendes, e casado com Catarina de Albuquerque, filha de Filippo Cavalcanti e de outra Catarina de Albuquerque. Ainda persiste, com a varonia de Holanda, mas com o nome de "Cavalcanti do Petribu," em referência a um dos engenhos da família. Fixam–se na região de Serinhaem (PE), com um subramo que se muda para a antiga Vila das Alagoas no século XVIII, onde têm participação ativa nos movimentos revolucionários de 1817 e 1824.

Suassunas

Formam o núcleo da chamada "oligarquia Cavalcanti–Rego Barros," que dominou a vida política de Pernambuco em meados do século XIX. Descendem do notório Coronel Suassuna, senhor do engenho homônimo, Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, casado com a prima D. Maria Rita de Albuquerque e Mello, do ramo Holanda Cavalcanti supracitado. Pais do Visconde de Albuquerque, do Barão de Muribeca, e de outros titulados.

Deste ramo Suassuna descende tambem o líder falangista espanhol Marquês de Cavalcanti; e do mesmo ramo provêm linhas dos Príncipes von und zu Sayn–Wittgenstein e dos Condes–Príncipes Schlitz zu Görtz. E, por afinidade, nele se coloca tambem Elisabeth de Caraman–Chimay, Condessa Greffulhe, modelo para "Mme de Guermantes" em Proust.

Bezerra Cavalcanti

De todos, é o ramo mais numeroso. Inclui linhas como os Siqueiras Cavalcantis, ou os Arcoverdes de Albuquerque Cavalcanti. Descendem de Antonio Cavalcanti de Albuquerque, filho de Filippo Cavalcanti, e de Izabel de Goes, filha de Arnal de Holanda e de Brites Mendes, através de uma sua filha.

O Cardeal Arcoverde, D. Joaquim do Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, provinha deste ramo, e, portanto, tinha sangue de conversos em suas catolicíssimas veias. . . (Uma observação: apesar de eventuais especulações a respeito, não há qualquer evidência documental sugerindo que os Bezerras tenham raízes judaicas.)

Pires de Carvalho e Albuquerque

Estabelecido na Bahia, é o ramo dos Holandas Cavalcantis que herda e sucede no morgadio da Casa da Torre. Descendem com uma quebra na varonia dos Holandas Cavalcantis; nos começos do século XVIII, Baltazar de Vasconcellos Cavalcanti de Albuquerque, avoengo desta linha, estabeleceu contacto com os parentes Cavalcantis de Florença, conforme documentação no Archivio di Stato di Firenze.

A este ramo pertencem os Viscondes da Torre e de Pirajá, e o Barão de Jaguaripe, entre outros titulares.

Os descendentes de Branca Dias

Branca Dias é o grande símbolo da perseguição aos judeus, no começo do período colonial. Na verdade teve uma vida pacata no Brasil, embora depois de sua morte filhas suas hajam sido processadas e torturadas pela inquisição, e embora haja notícias de que a inquisição a perseguira em Portugal, antes de sua vinda para o Brasil. Se a deixaram sossegada em vida, no Brasil, perseguiram–na depois de morta: no fim do século XVI os esbirros do santo ofício enviaram seus ossos para Portugal, para que fossem calcinados num auto–da–fé. Os descendentes conhecidos de Branca Dias provêm do casamento de Maria de Paiva, sua neta, meia cristã–nova, com Agostinho de Holanda e Vasconcellos, filho de Arnal de Holanda e de Brites Mendes; seus descendentes alcançam praticamente todas as grandes famílias de Pernambuco.

Há, nessa linha, um casamento de descendente de Branca Dias, por exemplo, com filha de João Cavalcanti de Albuquerque, dito "do Apoá," descendente do ramo varonil dos Holandas Cavalcantis. Os Mannellis, aparentados a Filippo Cavalcanti — cuja mãe era Ginevra Mannelli — descendem de Branca Dias nas linhas femininas. Muitos dos Tenórios, de Pernambuco e Alagoas, igualmente. Ainda: um ramo dos Paes Barretos (detalhes abaixo) provem de Branca Dias. Ou seja, o sangue desta mulher que é símbolo das barbaridades praticadas pelo Santo Ofício contra judeus e judaizantes brasileiros, permanece em boa parte da população pernambucana, e de sua elite. Bezerras Cavalcantis, Marinhos Falcões, Camellos Pessoas, que são outros núcleos familiares radicados no sul de Pernambuco e em Alagoas, tambem abrigam descendentes de Branca Dias.

Paes Barretos

Os Paes Barretos do Brasil descendem dos Velhos Barretos de Viana, mas a genealogia é confusa, e atrapalhada por diversas bastardias eclesiásticas (os Velhos Barretos têm nobreza antiga, mas o ramo vianense da família possuía um status menor). Seu lado judaizante, no entanto, é mais fácil de se estabelecer.

Tudo começa em Barcelos, Portugal, quando, em 1497, Santo Fidalgo e sua mulher Ouro Inda, convertem–se e são batizados em pé, junto com dois de seus quatro filhos, Abrahão e Icer. Santo Fidalgo virou Diogo Pires; Abrahão, Gonçalo Dias, e Icer, nascida em 1495, Gracia Dias.[3] Gracia casa–se com outro cristão–novo, Francisco Rodrigues, e do casamento nasce Isabel Dias de Sá, que vai ser mãe de Duarte de Sá, já atestado no Brasil. Duarte de Sá nascera entre 1550 e 1555, e depois de várias peripécias chega ao Brasil, antes de 1580.

No Brasil enriquece, vira senhor de engenho e vereador em Olinda, e casa com Joana Tavares, tambem cristã–nova. Dessa gente, notória e assumidamente judenga, descendia a família Sá de Alnuquerque, e de José de Sá de Albuquerque era filha D. Maria Maior de Albuquerque, mulher do capitão–mor João Paes Barreto.

Do casal descendem os Paes Barretos remanescentes, os Holandas Cavalcantis diretos e o ramo Suassuna, Acciolis de Vasconcellos alagoanos,

---

[3]E. Cabral de Mello, *O Nome e o Sangue*, Cia. das Letras (1989), p. 171 e ss.

e, enfim, todo um vasto segmento da elite de Pernambuco e Alagoas, e tambem das suas extensões européias, já mencionadas.

Do casamento de Antonio Paes Barreto, outro destes, com D. Margarida de Barros, provem uma linha de Paes Barretos com o sangue de Branca Dias, ancestral de D. Margarida.

Conclusão

O grande núcleo difusor de sangue converso, na elite colonial pernambucana, é, portanto, essa família dos Holandas, com certeza de origem judaica na matriarca Brites Mendes "a velha," e muito provavelmente tambem no patriarca, Arnal de Holanda, que suponho filho do mercador Jacob ou Jácome de Holanda. Seus descendentes aliam–se às famílias que têm engenhos entre Porto Calvo e Serinhaem; tais famílias, por sua vez, formam o núcleo duro da elite colonial pernambucana, toda ela, portanto, herdeira do marranismo desses ancestrais pioneiros na terra.

Fontes, comentários

As fontes genealógicas para esse texto, alem das citadas, são:

- C. C. de Albuquerque, F. Arruda de Lima, F. A. Doria, *Acciaiolis no Brasil*, ed. eletrônica (2010).

- C. C. Albuquerque, M. Bezerra Cavalcanti, F. A. Doria, *Cavalcantis: na Itália, no Brasil*, ed. eletrônica (2010).

O autor

Francisco Antonio Doria é Professor Emérito da UFRJ, membro da Academia Brasileira de Filosofia, sócio titular do Colégio Brasileiro de Genealogia e sócio honorário da Sociedade Brasileira de Genealogia Judaica.